

DOUTRINAÇÃO EM O DIA DE VER MEU PAI

Bernardete Guerra Marcarini

O homem é um ser social. A partir do momento em que tem consciência de si mesmo, passa a fazer história, agindo na sociedade na qual vai buscar elementos para sua existência individual. Esta inter-relação é também interdependência. O mesmo ocorre com a obra de arte.

Embora o principal objetivo da arte, se é que se pode falar em objetivo da arte, não é o de ser fiel à realidade, por trás dela há o artista que, como homem, sofre a influência do que o cerca. Por isto é possível detectar no texto artístico certas analogias entre ele e estruturas extraliterárias. E quando não são analogias, pode-se notar oposições entre os dois.

Certamente o leitor deve se colocar diante da obra de arte liberto de pré-conceitos, de pré-juízos, a fim de que ela se dê à compreensão tal como é. Porém, justamente partindo da doação à obra é que o leitor se torna capaz de perceber em que medida ela afirma ou se opõe a uma dada realidade.

O trabalho crítico, levando-se em conta a relativização dos valores, não é o de apontar o valor do texto — dizendo se é "bom" ou "mau", segundo parâmetros de avaliação que têm os olhos fixos no passado literário —, mas pode ser o de perceber até mesmo nos artificios artísticos a presença de uma atitude confirmadora ou contestadora da realidade. Dizer qual destas duas atitudes é "boa" ou "má" depende do leitor individual e é atitude subjetiva. Porém isto não quer dizer que o crítico não possa apontar a má-consciência implícita em obras que talvez inconscientemente procurem proteger o "status quo" dos sempre poucos privilegiados.

Na literatura infantil, com raras e honrosas exceções, o privilégio é dado aos adultos que, via de regra, não abrem

mão nem mesmo parcialmente de sua posição. Na maioria das vezes são veiculadas idéias canhestras, inadequadas ao surgimento de uma consciência crítica na criança, através de histórias aparentemente inocentes, mas que na realidade são castradoras e frustrantes.

Levando-se em conta que o próprio adulto é influenciado por tudo aquilo com que entra em contato, quanto mais não o será a criança, visto que não tem consciência crítica formada e que o trabalho de muitos adultos é de justamente impedir esta formação, ou de dirigi-la no sentido dos seus próprios interesses.

1 — ASPECTOS COMPOSICIONAIS DE O DIA DE VER MEU PAI

A narrativa de Vivina de Assis Viana apresenta uma família burguesa dividida, vista sob a ótica do filho do casal. O movimento narrativo desloca-se na direção de uma descoberta da situação de filho de pais desquitados, efetuada pelo menino; os problemas enfrentados na sociedade, decorrentes da situação; e o desconsolo que sente diante do problema, que ele vê como insolúvel.

A apresentação do universo ficcional do texto é feita pelo menino Fabiano que é, ao mesmo tempo, narrador e personagem. Sofrendo as conseqüências de uma ruptura conjugal que ele não entende, narra a sua própria tentativa de apoderar-se da situação que lhe escapa, e a atitude dos adultos — o pai e a mãe —, impedindo-o. Todos os elementos do texto, como já foi dito, são vistos sob a ótica de Fabiano, expressa através dos seus comentários e do destaque que ele dá a certos aspectos. Porém, ele desconhece a situação que vive, por isto apresenta lacunas no texto que são dele mesmo e que não tem condições de preencher.

É um narrador-criança que tenta incorporar valores do mundo adulto, mas que é barrado pelos adultos, não alcançando solução para o conflito. Desta forma surge como um anti-herói.

As demais personagens são apresentadas por Fabiano que ou tece comentários a respeito delas, ou coloca-as diretamente em cena por meio do discurso direto, ou ainda apresenta implicitamente características que elas possuem, narrando suas ações.

O pai é o elemento que, pelo seu afastamento do círculo familiar, propicia a narrativa. É o sustentáculo da família, visto que a mãe não tem ocupação rentável. É humano, sensível, não é apresentado com ares patriarcais, é sujeito a erros, não sabe tudo.

— É, há muitas coisas que eu não sei. Você pode ir aprendendo isso, viu? O pai não é uma pessoa que sabe tudo" (Viana, s. d.: 29).

O seu espaço é extraluar e tem vida fora da paternidade que é proibida para o narrador. Este apresenta-o como saudoso com relação à situação anterior à ruptura familiar, como se estivesse arrependido de haver tomado a decisão de sair de casa.

A mãe, segundo o narrador, é pequena e fraca; chorona; confinada à casa e dedicada aos filhos, sem tempo para si mesma. Fabiano torna evidente a atitude passiva e pesarosa da mãe diante da situação. Através dos diálogos e da narração de ações, o narrador a apresenta como a figura tradicional de mãe e mulher, mantenedora da ideologia familista. Pela configuração das duas personagens, pai e mãe, é reforçada a posição do narrador, criança, que não deve saber certas coisas exatamente por ser criança.

A sociedade em geral é representada dentro do texto por colegas que não aceitam Fabiano por ser filho de pais desquitados; por professores inacessíveis; pelo juiz, que é uma incógnita para o menino; pela segunda mulher, cuja existência era desconhecida e que, quando surge, aparece como elemento perturbador da ordem familiar.

O leitor implícito que aparece no texto é uma criança que tenha condições de entender situações adultas. Porém, a criança que existe no texto, com a qual o leitor irá se identificar, é barrada ao tentá-lo. Há, portanto, uma contradição entre o convite para entender o problema e o fato de não serem fornecidos elementos para que isto seja possível.

Além do mais, o texto é anticatártico, porque ao nível de Fabiano não há solução. Desta forma, espera-se que o leitor, a criança, entenda que o desquite não deveria ter ocorrido. Isto é, o tema não é tratado honestamente, porque todo o movimento narrativo visa justamente a apresentar o desquite como algo sobremodo indesejável e pernicioso, além de ser unicamente negativo; algo que não deveria existir.

Exige-se que o leitor tenha condições de penetrar no mundo complexo das relações humanas onde muitas vezes funciona apenas a aparência.

2 — NIVEL TEMÁTICO

O problema do desquite é metaforizado pela posse ou não da cantiga "A Machadinha", e a metáfora é verticalizada pelo tema da própria cantiga.

MACHADINHA

"Ra, ra, ra, minha machadinha
Ra, ra, ra, minha machadinha
Quem te pôs a mão, sabendo que és minha?
Quem te pôs a mão, sabendo que és minha?
Se tu és minha, eu também sou tua,
Se tu és minha, eu também sou tua,
Pula machadinha, no meio da rua.
Pula machadinha, no meio da rua."

(Viana, s. d.: 5)

A cantiga apresenta o aspecto lúdico: é cantiga de ninar e faz parte das brincadeiras de roda. Em nível semântico, é o objeto contudente — usado entre outras coisas como utensílio doméstico — que é roubado do seu proprietário. Através da cantiga as crianças manipulam o objeto, que pode servir como arma — para cortar —, e que foi roubado.

Na narrativa, a cantiga pertenceu ao menino (cf. Viana, s.d.: 18) que no presente não tem acesso a ela, desconhecendo-a. Conhecer os versos da cantiga seria, em nível metafórico, ter a solução do problema. A cantiga da qual o menino não se apossa é lembrada pelo pai; todavia, nem ele e nem a mãe completam os versos que o menino desconhece. Da mesma forma, é o pai que, pelo seu afastamento do lar, possibilita a narrativa em que há o problema insolúvel. Assim como o menino não ouve a cantiga, a situação de ruptura do início da narrativa não se modifica. O aspecto lúdico torna-se inacessível para ele, e a solução, impossível, porque não reavê o que lhe foi roubado. A situação final do menino é a de um conflito existencial maior do que o do início da narrativa, quando desconhecia um dia ter possuído a Machadinha. Isto leva à investigação da ideologia presente no texto analisado.

3 — IDEOLOGIA

A narrativa de Vivina de Assis Viana apresenta uma família burguesa, como já foi dito, dividida. O pai, fora do lar, saudoso e amargurado, demonstrando ares de arrependimento; a mãe, dentro do lar, passiva e chorona, também saudosa dos tempos da harmonia familiar; entre eles, o menino, não totalmente consciente da ruptura, querendo saber mais e sendo impedido disto.

A "conscientização" do menino é que ele fica sabendo que os pais são desquitados; que o irmão menor nunca verá o pai; que o pai mora com outra mulher, e que na vida "as pessoas têm de fazer escolhas entre pessoas como time de futebol, como roupas ou brinquedos, numa loja" (cf. Viana, s. d.: 25). Quando aprende tudo isto, dá razão aos colegas — à sociedade — que não o aceitam porque é filho de pais desquitados.

"Sei qual é, minha mãe não precisa dizer. Como sei também, agora, que meus colegas tinham razão em muitas coisas" (Viana, s. d.: 26)

é o que conclui o menino a respeito da sua situação.

Em outras palavras, o aprendizado do narrador é no sentido da afirmação dos valores do modo adulto tradicional burguês que vê na tradição um bem que deve ser preservado a qualquer custo, e que não deve ser questionado. A família surge como o único meio onde a vida é possível, porque só dentro dela pode haver relação amorosa duradoura. Ainda segundo esta concepção de mundo, a propriedade deve ser mantida e preservada, sob pena de, se tal não ocorrer, causar a infelicidade. Inclua-se no termo "propriedade" os demais membros, as demais pessoas que fazem parte do círculo familiar. No texto analisado isto é representado pela figura do pai.

O leitor implícito é convidado a aceitar estes valores, porque "Um dia você lê o livro e vê que é tudo verdade" (Viana, s. d.: 16).

4 — CONCLUSÃO

Segundo a Estética Recepional, texto inovador é aquele que rompe com as normas estabelecidas, causando o efeito de estranhamento no leitor. Este rompimento dá-se em relação ao horizonte de expectativas do leitor, e pode abranger normas estéticas e ideológicas.

Em termos de inovação, *O dia de ver meu pai* tematiza um problema que não é encontrado no âmbito da literatura infantil brasileira: o desquite. Porém, a inovação restringe-se a este aspecto porque, embora a narrativa se dê através do narrador-criança, os valores que ela veicula são os do mundo adulto. Desta forma, somente o tema apresentado pode causar estranhamento ao leitor.

As figuras do pai, da mãe, do menino, da sociedade, aliando-se ao tratamento dado ao tema, são tradicionais no sentido de reafirmarem a ideologia vigente, a ideologia da sociedade burguesa, segundo a qual a família deve ser mantida unida a despeito de tudo. Isto barra a possibilidade de uma solução para o conflito, e é o que se apresenta ao final da narrativa.

Se não há uma solução para o problema de Fabiano, o desquite surge como o problema que não deveria ter surgido, pelo menos para o leitor infantil que se depara com o texto. Em outras palavras, é porque alguém se apossou de sua propriedade que Fabiano sofre; no texto a propriedade é o pai. Como não há solução, o leitor implícito é induzido a concluir que ninguém deveria tocar na "propriedade" dos outros.

Os membros da família são propriedade inviolável, e o não-cumprimento das cláusulas do "contrato" é considerado um crime, porque causa danos aos membros da família acostumados a ver seus familiares como um patrimônio do qual podem dispor a qualquer momento.

A narrativa de Viana apresenta um mecanismo de delito-punição que nivela o ser humano à condição de objeto. O pai é aquele que se afasta do círculo familiar, rompe um contrato, é punido pelo sentimento de nostalgia que o menino pressente nele. A mulher que causa o rompimento familiar é quase inexistente dentro da narrativa, é banida da sociedade. Os proprietários lesados, o menino e a mãe, sofrem a perda cada qual a sua maneira: Fabiano, sem perspectivas futuras, e a mãe, recebendo a solidariedade e o apoio das amigas, isto é, dos que lhe são afins por pertencerem à mesma classe de proprietários.

É possível que o leitor infantil sinta-se confuso diante destas convenções, porém, como elas compõem a ideologia dominante, ele as irá assimilando aos poucos até apossar-se delas e ser mais um membro da sociedade adulta.

5 — REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VIANA, Vivina de Assis. *O dia de ver meu pai*. Belo Horizonte. Comunicação, (s. d.).

Nota: A análise do texto pretendeu seguir o modelo de abordagem textual oriundo da Estética Recepional, apresentado em aula. A conceituação teórica que porventura aparece no presente trabalho provém de anotações de aulas ministradas pela professora Dr^a Regina Zilberman, em janeiro de 1980.